

Meditações: sexta-feira da XIX semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da XIX semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: o matrimónio, imagem do amor divino; o celibato, chamada a transmitir vida sobrenatural; amar sem desejo de possuir.

- O matrimónio, imagem do amor divino.
- O celibato, chamada a transmitir vida sobrenatural.
- Amar sem desejo de possuir.

UNS fariseus, querendo por à prova Jesus, aproximaram-se e perguntaram-Lhe: «É permitido ao homem repudiar a sua esposa por qualquer motivo?» (Mt 19, 3). Em resultado disso, Cristo recordou que o próprio Deus é o autor do matrimónio e afirmou a sua indissolubilidade: «Não lestes que o Criador, no princípio, os fez homem e mulher e disse: *por isso o homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa e serão os dois uma só carne?* Deste modo, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, não separe o homem o que Deus uniu» (Mt 19, 4-6).

O matrimónio não é simplesmente um acontecimento social ou uma formalidade. O amor mútuo entre o homem e a mulher é imagem do amor absoluto com que Deus nos ama. «E este amor que Deus abençoa

está destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum do cuidado da criação»^[1]. Por isso o matrimónio é um bem «de extraordinário valor para todos: para os próprios cônjuges, para os seus filhos, para todas as famílias com as quais entram em relação, para toda a Igreja, para toda a humanidade. É um bem que é difusivo, que atrai os jovens a responder com alegria à vocação matrimonial, que conforta e reaviva continuamente os cônjuges, que dá muitos e diversos frutos na comunhão eclesial e na sociedade civil»^[2]. Um desses frutos é precisamente a formação da *Igreja doméstica*: o lar é a primeira escola da vida cristã, onde «se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida»^[3].

O homem e a mulher encontram no matrimónio, com a graça divina, tudo o que necessitam para serem santos, para se identificarem com Cristo e aproximar de Deus as pessoas que os rodeiam. Portanto, trata-se de um caminho que, se for percorrido com fidelidade, permite antecipar a glória do céu e encontrar já a felicidade que o Senhor concede nesta terra. Uma alegria compatível com momentos de sacrifício que podem fortalecer o amor entre os cônjuges, e que normalmente se desfruta nas coisas pequenas de cada dia. Como afirmava São Josemaria: «O segredo da felicidade conjugal está no quotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria íntima que dá a chegada ao lar; está no convívio carinhoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que colabora toda a família; no bom humor perante as dificuldades, que é preciso encarar com desportivismo»^[4]. Neste tempo de

oração podemos pedir pela fidelidade de todos os matrimónios e dar graças a Deus pelos dons que nos deu através do amor dos nossos pais.

DEPOIS DE TER salientado a grandeza do matrimónio, Jesus afirma o valor do celibato. O exemplo atrativo da própria vida do Senhor mostra que não se trata de uma atitude cética ou inclusive cómoda, como talvez tinhama insinuado alguns dos que o escutavam (cf. Mt 19, 10), mas de um dom divino (cf. Mt 19, 11): uma chamada a receber e a transmitir aos outros a vida sobrenatural sem mediar um amor terreno. Quem recebe esta vocação assemelha-se a Cristo que, sem dúvida, não renunciou ao amor. O celibatário recebe uma graça específica que transforma pouco a pouco a sua

sensibilidade, para colocar tudo o que constitui uma vida de apaixonado – afetos, desejos, sonhos, criatividade, paixão – ao serviço de Deus e das pessoas que o rodeiam. Acolher este dom «não pode significar permanecer privados de amor, mas deve significar deixar-se arrebatar pela paixão por Deus, e aprender depois, graças a um estar com Ele mais íntimo, a servir também os homens. O celibato deve ser um testemunho de fé: a fé em Deus torna-se concreta naquela forma de vida que só tem sentido a partir de Deus. Apoiar a vida n'Ele, renunciando ao matrimónio e à família, significa que acolho e experimento Deus como realidade e por isso posso levá-lo aos homens»^[5].

Uma das características da vocação ao celibato é a disponibilidade de coração para viver inteiramente para Deus e, por ele, para os outros. O celibatário experimenta assim

aquela *grandeza do coração* que afirmava São Josemaria: «Por muito que ames, nunca amarás bastante. O coração humano tem um coeficiente de dilatação enorme. Quando ama, dilata-se num *crescendo* de carinho que supera todas as barreiras. Se amas o Senhor, não haverá criatura que não encontre lugar no teu coração»^[6]. Deste modo, o celibatário pode amar alguém inclusive quando o outro não lhe corresponde: basta-lhe ver crescer espiritualmente uma pessoa para querer continuar a ajudar os outros. Imita assim o modo de amar de Jesus. Durante a sua passagem pela terra, não colocou nenhuma barreira ao seu carinho, mas oferecia a sua proximidade a todos, em particular aos que eram rejeitados pela sociedade. Por isso, quem recebe o dom do celibato também está chamado a querer e a servir todas as pessoas, especialmente as que à sua volta estão mais necessitadas. Certamente,

isto não significa que, às vezes, ao celibatário não custe renunciar a formar uma família ou a receber um retorno afetivo pela sua dedicação; no entanto, pode encontrar nessa experiência de vazio, aceite com serenidade e realismo, uma oportunidade e uma chamada a continuar a alimentar o Amor que dá sentido à sua entrega. Em última instância, nessa solidão também se pode aprender a captar a proximidade de Deus.

TODOS os homens estão chamados a viver a castidade. Esta virtude concretiza-se de diferentes maneiras em função da vocação que cada um tenha recebido. Em qualquer caso, quer se trate de uma pessoa casada, solteira, celibatária ou viúva, a castidade não «é um ‘não’ aos prazeres e à alegria da vida, mas o

grande ‘sim’ ao amor como profunda comunicação entre as pessoas, que exige o tempo e o respeito, como um caminho conjunto rumo à plenitude e como amor que se torna capaz de gerar a vida e de acolher generosamente a vida nova que nasce»^[7]. Essa nova vida, para quem tem vocação ao matrimónio, são os filhos que são fruto do amor dos esposos; para o celibatário, são as pessoas a quem ajuda a crescer na sua relação com Deus e com quem exerce uma paternidade ou maternidade espiritual.

A castidade permite amar sem desejo de dominar. De facto, diz-se que o contrário de amar não é tanto odiar, mas possuir: pretender usar a outra pessoa para satisfazer uma necessidade e preencher o próprio vazio. Isto é o que pretende a luxúria, o vício que «considera tedioso qualquer namoro, não procura a síntese entre razão,

impulso e sentimento, que nos ajudaria a conduzir a existência com sabedoria. O luxurioso só procura atalhos: não comprehende que o caminho para o amor deve ser percorrido com lentidão, e esta paciência, longe de ser sinónimo de aborrecimento, permite tornar felizes as nossas relações amorosas»^[8].

O amor que o Senhor nos dirige é livre: dá-nos a possibilidade inclusive de errarmos e de o rejeitar, pois não quer escravos, mas filhos que acolhem o seu amor porque querem. A castidade permite-nos conhecer verdadeiramente os outros, respeitá-los e procurar a sua felicidade; numa palavra, gera uma relação de comunhão na qual se desfruta procurando o bem da outra pessoa. E apesar de amar desta maneira às vezes poder ser difícil, quem se esforça por viver esta virtude «apercebe-se de que o sacrifício é só

aparente: porque ao viver assim – com sacrifício – livra-se de muitas escravidões e consegue, no íntimo do seu coração, saborear todo o amor de Deus»^[9]. Podemos recorrer à Virgem Maria, como recomendava o fundador do Opus Dei, quando notarmos o peso da tentação: «Mãe! – Chama-a bem alto –. Ela, a tua Mãe Santa Maria, escuta-te, vê-te em perigo talvez, e oferece-te, com a graça do seu Filho, o consolo do seu regaço, a ternura das suas carícias. E encontrar-te-ás reconfortado para a nova luta»^[10].

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1604.

[2] Francisco, Discurso, 27/01/2023.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1657.

[4] São Josemaria, *Entrevistas a São Josemaria*, n. 91.

[5] Bento XVI, Discurso, 22/12/2006.

[6] São Josemaria, *Via Sacra*, VIII estação, n. 5.

[7] Bento XVI, Discurso, 13/05/2011.

[8] Francisco, Audiência, 17/01/2024.

[9] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 84.

[10] São Josemaria, *Caminho*, n. 516.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-sexta-feira-da-xix-semana-do-tempo-comum/> (18/01/2026)